

# **Estudo Investigativo da disciplina Educação para a Sexualidade em escolas da rede municipal de Jequié-BA**

## **Investigative Study of Sexuality Education for the discipline in schools in the municipal Jequié-BA**

**Suse Mayre Martins Moreira Azevedo**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB  
susiazevedo13@hotmail.com

**Marcos Lopes de Souza**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB  
marcoslsouza@ig.com.br

### **Resumo**

Pesquisas sobre abordagem de gênero e sexualidade na escola mostram que os professores destacam os aspectos biológicos enfocando as consequências do exercício da sexualidade, regulando as ideias e atitudes e a relação saúde/doença. Considerando a relevância desta abordagem, no ano de 2005, o município de Jequié/BA implantou a disciplina Educação para Sexualidade que foi o foco desta pesquisa. Esta teve como questão norteadora: Quais princípios/ideias sobre o ensino da sexualidade norteiam as práticas pedagógicas dos docentes ministrantes da disciplina? A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas e a interpretação baseou-se na análise do discurso. Constatou-se que o discurso nesta disciplina centra-se na redução da gravidez e da incidência de DST/AIDS, embora a disciplina tenha possibilitado várias outras discussões. A formação em Ciências Biológicas foi um critério para a atribuição da disciplina e a vantagem da sua existência é a legitimação de um espaço para estes temas.

**Palavras chave:** gênero, sexualidade, educação básica

### **Abstract**

Research on approach of gender and sexuality in school show that teachers emphasize the biological aspects focusing on the consequences of sexuality, regulating the ideas and attitudes and the relationship between health / disease. Considering the relevance of this approach, in 2005, the Jequié / BA implanted discipline Sexuality Education which was the focus of this research. This had the question: What principles / ideas about teaching sexuality guide the pedagogical practices of teachers ministering of discipline? Data collection was done through semi-structured interviews and the interpretation was based on discourse analysis. It was found that the speech in this discipline focuses on reducing the incidence of pregnancy and STD/SIDA, although discipline has enabled several other discussions. Training in Biological Sciences was a criterion for the allocation of the discipline and the advantage of its existence is to legitimize a space for these topics.

**Keywords:** gender, sexuality, basic education.

## **A escola como espaço de discussão sobre gênero e sexualidade**

A forma como ocorrem as discussões de gênero e sexualidade na escola é bastante diversificada; o que a torna uma questão bastante instigante para os estudiosos dessas temáticas. A motivação para fazer essa abordagem na escola nasce, muitas vezes, da vontade das/dos professoras/professores que percebem o interesse e a necessidade das/dos alunas/alunos por essas questões. O interesse por esta pesquisa parte da visão de que, na abordagem do tema sexualidade, a escola ocupa um dos espaços importantes ao levar informações e promover reflexões e discussões que envolvem a vivência pessoal da sexualidade, especialmente dos jovens, mesmo havendo formas de controle dessa discussão. É importante que se entenda que não cabe às/aos gestoras/gestores e/ou professoras/professores a decisão em abordar ou não questões relacionadas à sexualidade na escola, pois essas circulam espontaneamente dentro e fora da sala de aula. Deve-se observar porém se e como estas discussões acontecem, pois isto torna-se um diferencial.

Na concepção atual de sociedade e de educação, faz-se necessário que a escola desenvolva nas/nos educandas/educandos uma maior autonomia, levando-os à reflexão e à tomada de decisões nos diversos aspectos de suas vidas, voltando-se para suas necessidades e as necessidades da sociedade em que esta/este se insere. O conhecimento, os saberes e as informações trazidos pela escola não podem ser alijados do cotidiano dessas/desses educandas/educandos. Louro (2008) explicita muito bem esta função quando diz que “a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas ela, também *fabrica* sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero e de classe”(p.85).

As pesquisas sobre a abordagem da sexualidade na escola mostram a presença de um discurso biológico e higienista, desenvolvido, sobretudo, pelas/pelos professoras/professores de Ciências e Biologia, girando em torno daquilo que é considerado como consequência do exercício da sexualidade, a exemplo das doenças sexualmente transmissíveis, da gravidez não planejada e do aborto. Dessa forma, essas abordagens apresentando-se muito distantes das necessidades dos estudantes, por ser limitado ao âmbito anatômico-fisiológico, prescritivo e preventivo.

Para que a escola possa efetivamente se aproximar da realidade dos jovens ela precisa oportunizar outras discussões envolvendo a sexualidade, a exemplo das múltiplas expressões de gênero, incluindo travestilidade, transexualidade e também a diversidade sexual.

O processo de ocultamento de determinados sujeitos pode ser flagrantemente ilustrado pelo silenciamento da escola em relação aos/as homossexuais. No entanto, a pretensa invisibilidade dos/das homossexuais no espaço institucional pode se constituir, contraditoriamente, numa das mais terríveis evidências da implicação da escola no processo de construção das diferenças. De certa forma, o silenciamento parece ter por fim “eliminar” esses sujeitos, ou, pelo menos, evitar que os/as alunos/alunas “normais” os/as conheçam e possam desejá-los. A negação e a ausência aparecem, nesse caso, como uma espécie de garantia da norma (LOURO, 2001, p. 89).

É evidente a importância de se promover uma mudança na forma como a escola lida com as questões de gênero e de diversidade sexual, pois o silenciamento citado por Louro (2001) pode estimular o preconceito e a homofobia, pelo fato da/do homossexual ser visto como

aquela/aquele pessoa que não pode falar na escola da sua identificação sexual e quando fala, é vista/visto como a/o “diferente” e tudo que a/o mesma/mesmo representa na escola de bom ou de ruim é atribuído sempre a sua identificação sexual.

Mesmo não sendo o único espaço formador em que jovens ouvem e falam sobre questões voltadas para a sexualidade, a escola deve procurar ser o espaço em que essas questões sejam discutidas de forma espontânea, não reforçando tabus, preconceitos, medos e estereótipos. Não podemos negar que a família, de forma geral, transfere para a escola essa função e essas discussões precisam deixar de ser uma opção e serem vistas como importantes para o espaço escolar; e para isso a escola não pode se fechar ao debate.

Segundo Louro (2008), embora presente em todos os dispositivos de escolarização, a preocupação com a sexualidade, geralmente, não é apresentada de forma aberta, e sua presença independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de “educação sexual”, da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir”.

A visão biologicista, prescritiva e higienista da abordagem de gênero e sexualidade na escola é fortemente reforçada pela forma como o tema se apresenta nos livros didáticos. É consenso entre os autores que, embora esses temas devam ter uma abordagem interdisciplinar ou transversal, é nos livros de Ciências e Biologia que os mesmos são citados, e a omissão acaba atribuindo ao professor desta área a responsabilidade de trazer o tema à sala de aula. É fato que comumente as questões relacionadas à sexualidade costumam ser incluídas ao final do livro, onde, normalmente, o professor não chega. Este material também sugere que a feminilidade está subordinada à dominação masculina reforçada, a partir das relações de gênero, as condições que legitimam as estruturas de poder existentes (LIRA e JOFILI, 2010; SANTOS et al., 2011; ALTMANN, 2003; SANTANA e WALDHELM, 2009; MARTINS e HOFFMANN, 2007).

Isto nos leva a crer que há uma intenção em causar medo e tentar desvincular a sexualidade do prazer, não ocorrendo ainda abordagem sobre gênero, diversidade sexual, relacionamentos, homofobia e temas afins.

Os estudos que analisam os componentes curriculares dos cursos de licenciatura mostram que essa temática só é tratada no curso de Ciências Biológicas, e de modo restrito às explicações biológicas e características anatômicas, fisiológicas e patológicas, sem sugerirem a abordagem sociocultural a respeito da sexualidade, fato que justifica essa mesma abordagem na educação básica, pois as/os professoras/professores terminam reproduzindo aquilo que é discutido na academia (SILVA e MEGID NETO, 2006; SOUZA e DINIS, 2010).

Apesar da temática encontrar-se inserida nas Diretrizes Curriculares Nacional do curso de Ciências Biológicas e fazer parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), integrando os Temas Transversais, se não houver a identificação da/do educadora/ educador com esses temas, o trabalho não é realizado; esta é uma realidade.

Essa inserção da temática no curso de Ciências Biológicas faz com que, tradicionalmente, seja atribuída a estas/estes professoras/ professores a função de trabalhar a sexualidade com os jovens na escola. Isto acontece porque cabe a essas disciplinas a abordagem sobre os aparelhos reprodutores, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis etc, embora o trabalho envolvendo sexualidade seja muito mais amplo.

Trabalhar com questões ligadas à sexualidade ainda põe a/o professora/professor diante de vários desafios como a falta de segurança e formação limitada, além da necessidade de uma

aprendizagem eficaz e significativa para a/o aluna/aluno e a opção de educação sexual que as famílias desejam para seus filhos.

Diante dessas questões as/os estudiosas/estudiosos nesta área dividem as opiniões entre a abordagem da sexualidade enquanto tema transversal ou por meio de projetos interdisciplinares, e a implantação de uma disciplina específica que trate essas questões com mais responsabilidade e com a seriedade que ela merece.

Nessa perspectiva, de acordo com levantamento realizado, o município de Jequié/Bahia incluiu, desde 2005, as discussões de sexualidade como componente curricular em uma disciplina, da parte diversificada, intitulada Educação para Sexualidade, a ser ministrada no 8º e 9º ano do Ensino Fundamental. A decisão de incluir a disciplina no 8º e 9º ano do Ensino Fundamental deu-se pelo entendimento de que essa seria a faixa etária adequada para se iniciar uma discussão sobre a temática, havendo também uma preocupação com o aumento do número de adolescentes grávidas no município. É importante ressaltar que a implantação da disciplina, a princípio, causou um grande impacto entre as/os professoras/professores por ser uma situação nova e desconhecida por todas/todos.

Passados sete anos da implantação da disciplina, interessou-me realizar esta pesquisa que teve como questão de estudo: Quais princípios/ideias sobre ensino da sexualidade norteiam as concepções e práticas pedagógicas das/dos docentes ministrantes da disciplina Educação para Sexualidade? A importância da pesquisa está em analisar se a temática Sexualidade, ao ser inserida como componente curricular, se configura como ruptura ou continuidade com o vínculo existente entre as questões de sexualidade e o estudo de Ciências e Biologia nas escolas de ensino fundamental e médio.

É importante destacar que não estou desconsiderando a importância do trabalho voltado para saúde sexual e reprodutiva e conhecimento do corpo, desenvolvido pela/pelo professora/professor de Ciências e Biologia, mesmo porque a sua formação acadêmica contempla esta abordagem. Porém, defendo que a discussão sobre sexualidade deve ser resignificada e ampliada.

A relevância da pesquisa é justificada pelo fato de trazer elementos que auxiliem na reavaliação deste componente curricular e da formação das/dos professoras/professores para esta área, podendo contribuir com novas orientações para a abordagem da sexualidade na escola. É importante ressaltar que não foram encontrados em artigos publicados nas revistas da área de educação, incluídas no *qualis* A e B, estudos sobre a sexualidade como componente curricular, havendo controvérsias com relação a esta questão, visto que a temática é sugerida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como tema transversal.

Acredito que a ausência de pesquisas nesta área deva-se ao fato de que o município de Jequié é o único na Bahia em que existe a disciplina Educação para Sexualidade e, em se tratando de Brasil, também ainda não foi identificada esta particularidade.

## **Percurso Metodológico a Análise de Dados**

Na realização de uma pesquisa onde se aborda gênero e sexualidade, as questões individuais e subjetivas interferem no trabalho da/do professora/professor em sala de aula e, portanto, nada mais adequado do que utilizar a pesquisa qualitativa exploratória como parte integrante deste processo.

Neste trabalho, a entrevista semiestruturada realizada com as professoras que ministram a disciplina Educação para Sexualidade foi a estratégia de coleta de dados e permitiu obter

todos os dados referentes a pesquisa. Este tipo de entrevista, em que a entrevistadora não segue um roteiro padronizado para todas as pessoas entrevistadas, possibilita o surgimento de outras questões para serem discutidas à medida que a/o entrevistada/entrevistado vai discorrendo sobre o tema pesquisado e a/o pesquisadora/pesquisador precisa ter a “capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 35).

Esta relação entre a entrevista e a produção dos discursos me fez optar por utilizar como método de análise de dados a Análise de Discurso (AD). A Análise do Discurso assume o enfoque de que a linguagem enquanto discurso não é apenas um conjunto de signos verbais que atua como instrumento de comunicação ou expressão do pensamento do sujeito, a linguagem enquanto discurso passa a ser uma interação, ela relaciona-se com o social e tem uma intencionalidade. Dessa forma, neste tipo de análise, considera-se a relação que se estabelece entre a língua, os sujeitos que falam e as situações em que estes estão inseridos no momento que estão falando. Ao trabalharmos com este tipo de análise, não devemos nos prender ao que possa se encontrar por trás do que foi dito e sim devemos analisar o que foi posto, pois é isso que nos interessa analisar.

Para a análise de dados da pesquisa procurei visualizar e analisar as ideias das professoras entrevistadas observando o que era discutido por elas e que escapavam do discurso biologicista, higienista e prescrito já estabelecido.

É importante perceber que as discussões sobre sexualidade, ao se configurarem como componente curricular, deixam de “disputar espaços” com outras questões. Esta disputa de espaço relaciona-se com as relações de poder inscritas nos currículos do qual fala Silva (2001). Para ele, existem diversas questões a serem respondidas ao se elaborar um currículo e uma delas é identificar qual conhecimento ou saber é considerado importante ou válido ou essencial para merecer ser considerado parte do currículo.

Mesmo tendo o perigo como foco principal das discussões, conforme relatado pelas entrevistadas, não se pode desconsiderar algumas questões que escapam a isso, e que foram identificadas nas diversas falas durante as entrevistas, como a abordagem das questões de gênero e de homossexualidade, sendo reforçado que algumas dessas discussões só são possíveis pela existência de um espaço próprio enquanto componente curricular.

*[...] quando a gente trata dessa temática mesmo de homossexualidade os meninos dão um show, claro que sempre tem um ou outro que vem ainda com aquela construção de homossexualismo, usando ainda o termo homossexualismo. Aí a gente mostra que é um termo que está em desuso[...] eu não tenho problema nenhum em trabalhar principalmente esses temas polêmicos, sobre aborto, esse temas que vem surgindo, essa questão mesmo de casamento gay, então tudo isso, a gente trabalha eu não tenho nenhum problema [...] às vezes a gente tem casos de alunos que você vê uma certa resistência quando a gente vai trabalhar essa temática mais com essa questão de gênero, né quando você vai mostrar para ele qual a diferença entre um travesti, um transexual o que é uma lésbica, o que é um homossexual (TEIA).*

*[...] eles quiseram até porque tem um aluno na escola que é um homossexual assumido e aí os outros alunos questionam assim “mas ele é tão novo, por que...”, porque o menino tem quatorze anos então eles quiseram que a gente trabalhasse até o menino também, porque ele fala assim “ah, tem gente que*

*acha que é “sem vergonhice”, aí eu tô fazendo todo esse trabalho, entendeu ? (HÉSTIA).*

Percebe-se também que quando surgem discussões a respeito da homossexualidade, estas são sempre vistas como algo a parte da sexualidade onde a abordagem é voltada principalmente para o respeito à diversidade, a questão da aceitação e do assumir-se são pouco considerados. Apesar disso, pode-se considerar um avanço o surgimento dessas discussões que até pouco tempo não adentravam a escola, que preferiam que fosse ocultado. Esse avanço vem corroborar com a ideia de Louro (2004) ao dizer que:

*Escolas, currículos, educadoras e educadores não conseguem se situar fora dessa história. Mostram-se, quase sempre, perplexo, desafiados por questões para as quais pareciam ter, até pouco tempo atrás, respostas seguras e estáveis. Agora, as certezas escapam, os modelos mostram-se inúteis, as fórmulas são inoperantes. [...] Não há como ignorar as “novas práticas” os “novos” sujeitos, suas contestações ao estabelecido (LOURO, 2004, p. 28-9).*

Entende-se, a partir disso, o que significa quando as/os professoras/professores se declaram não preparadas/preparados para as discussões que envolvem gênero e sexualidade. É possível perceber isso na fala de uma entrevistada:

*No início, a gente ficava um pouco acanhada pelas perguntas que iam sair, mas hoje não, eu já digo a eles, “olha, eu não sou doutora em sexualidade, é simplesmente uma disciplina que a gente agrega dentro do ramo das ciências, o que eu souber, eu respondo e o que eu não souber, eu vou procurar informação pra trazer pra vocês”, algumas vezes surge uma dúvida que eu não tenho assim, uma clareza do que eles querem saber, aí eu digo, “oh, eu vou procurar saber, vou pesquisar, e na próxima aula, eu trago isso aí pra vocês” (REIA).*

De certa forma ocorre uma desestabilização e um receio em não ter sempre as respostas corretas para todas as coisas, como nos fizeram acreditar que seria função da/do educadora/educador. Discutir temas que foram citados nas falas acima como polêmicos, a exemplo do casamento entre pessoas do mesmo sexo e aborto, requer que a/o educadora/educador esteja aberto e receptivo ao que é trazido pelas/pelos alunas/alunos sem emitir juízo de valor, respeitando as individualidades e evitando uma visão moralista, religiosa, familiar ou pessoal.

Surgem também outras questões consideradas importantes pelas/pelos entrevistadas/entrevistados para a/o adolescente.

*[...] trabalhamos com a questão da afetividade e a questão da auto-estima e quando a gente trabalhou com a auto-estima, nós percebemos claramente uma mudança no comportamento desses alunos [...] Eu percebo claramente a diminuição da homofobia, a questão do bullying tem diminuído bastante [...] o trabalho com a questão da prevenção das drogas, porque a gente tem que trabalhar [...] (TETIS).*

*[...] entro também na questão da pornografia, do erotismo, a questão da influência da mídia, a questão da prostituição, a valorização do corpo, drogas, e aí... a gente vai dando sequência nisso aí [...] a gente faz, assim, um trabalho voltado pra a questão do ficar, do namorar, a diferença (REIA).*

Pelos discursos das entrevistadas nota-se que a entrada desses outros temas só é possibilitada a partir do momento em que a sexualidade passa a fazer parte do currículo. Foi possível identificar o surgimento desses temas nas discussões, porém, não foi propósito deste estudo acompanhar a forma como os mesmos são discutidos.

## Considerações Finais

Apesar de a disciplina Educação para Sexualidade ter como foco a prevenção à gravidez na adolescência e às DST/Aids, há escapes, fugas que proporcionam o debate de outras questões que fogem a estas normatizações como gênero, diversidade sexual, homofobia, afetividade, auto-estima, prostituição e aborto, mesmo que ainda de maneira tímida. É interessante que essas “outras discussões” se ampliem evitando juízos de valor e conceitos morais e religiosos como acontece, por exemplo, quando se discute o aborto e a prostituição, onde normalmente as/os alunas/alunos assumem uma posição contrária desconsiderando os múltiplos fatores que envolvem estas situações.

Em relação à abordagem da diversidade sexual, a discussão gira em torno, especialmente, do respeito às diferenças, contra a homofobia, estabelecendo-se uma relação de poder quando se levanta a bandeira de que deve haver “tolerância” com a população LGBTTT sem que se tratem as relações homoafetivas como possibilidades. Isto demonstra que a escola reproduz e produz, semelhante a vários outros espaços, um discurso heteronormativo onde se ensina que a/o homossexual deve ser respeitada/respeitado como pessoa, mas que a forma como a/o mesma/mesmo vive a sua sexualidade é algo “diferente” e fora dos padrões normais.

Em suma, o resultado obtido nesta pesquisa me faz pensar que a sexualidade pode ser trabalhada na escola como prática de liberdade de expressão em que a/o aluna/aluno veja na/no professora/professor muito mais do que alguém que lhe trará apenas informações relacionadas às questões de sexualidade, mas a pessoa com quem elas/eles possam ter abertura para abordar as mais diversas questões referentes a esta temática.

## Referências

ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpo e gênero. **Cadernos Pagu** (21), p. 281-315, 2003.

LIRA, A., JOFILI, Z. O tema transversal orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes? **REMPEC-Revista Ensino, Saúde e Ambiente**, v.3, n.1, p. 22-41, abril, 2010.

LOURO, G. L. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: **Revista Estudos Feministas**. V.9 n.2 Florianópolis, 2001.

\_\_\_\_\_, G. L. **Currículo, Gênero e sexualidade**. Porto- Portugal: Porto Editora, 2004.

\_\_\_\_\_, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, E. de F., HOFFMANN, Z. Os papéis de gênero nos livros didáticos de ciências. **Revista Ensaio**, v.9, n.1, 2007.